

Aula 1

I. Aspectos Teóricos e Metodológicos I.1 Conceito, Objeto e Função da Filologia I.2 Aspectos gerais da história da escrita

Bibliografia Específica

- 📖 BASSETTO, B.F. Conceitos de filologia. Revista Philologus Ano 4 n° 12, Rio de Janeiro, 2000.
 - 📖 CARVALHO, R. B. S. A Filologia e seu objeto: Diferentes Perspectivas de Estudo. Revista Philologus , ano 9, n.26, Rio de Janeiro. 2003.
 - 📖 CASTRO, Ivo. O Retorno à Filologia. Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, pp.511-520.
 - 📖 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
 - 📖 HIGOUNET, Charles. História concisa da escrita. São Paulo: Parábola, 2003.
 - 📖 MANDEL, Ladislav. Escritas: Espelho dos homens e das sociedades. São Paulo: Parábola, 2003.
 - 📖 MEGALE, H.; CAMBRAIA, C. N.. Filologia Portuguesa no Brasil, D.E.L.T.A., v. 15, N.o Especial, 1999 (1-22)
 - 📖 SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual. SP: Cultrix/Edusp, 1977.
-

Φιλολογία

I.1.1 Panorama dos debates atuais e alguns conceitos de referência

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

“Filologia: 1) Estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos; 2) Estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos; 3) O estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p. ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica; 4) Estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), especialmente para a edição de textos”.

Segismundo Spina

“Não tem sido fácil determinar com precisão o âmbito da Filologia, cujos objetivos têm variado conforme as épocas em que se praticou a atividade filológica, conforme os autores que a exerceram e até os lugares em que ela floresceu. Se fizermos abstração desses fatores, podemos dizer que, embora complexíssimo, o labor filológico tem seu campo específico e tanto quanto possível bem determinado. Visto que a Filologia não subsiste se não subsiste o texto (pois é o texto a sua razão de ser), partamos dele para, de uma forma abrangente, configurar o seu campo.

A Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. A **explicação do texto**, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia, etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto. Esse conjunto de conhecimentos complicados, dando a impressão de verdadeira cultura enciclopédica de quem os pratica, constitui o caráter erudito da filologia. Aliás, como já vimos, nasceu assim a filologia alexandrina. A **restauração** do texto, numa tentativa de restituí-lhe a genuinidade, envolve um conjunto de operações muito complexas mas hoje estabelecidas com relativa precisão: é a **crítica textual** ou **Edótica**, que também foi conhecida e praticada pelos filólogos alexandrinos; a **preparação do texto**, para editá-lo na sua forma canônica, definitiva, também apela para um conjunto de normas técnicas, hoje também sistematizadas e mais ou menos universalmente respeitadas. A explicação do texto, a sua restituição à forma original através dos

princípios da crítica textual, e a sua organização material e formal com vistas à publicação, constituem aquilo que podemos chamar de função **substantiva** da Filologia.

Há uma ordem de problemas, com os quais a Filologia também se preocupa; são problemas que não estão no texto, mas se deduzem dele; a sua autoria, a sua datação e a sua importância (valorização) perante os textos da mesma natureza. Esta seria a função adjetiva da Filologia.

Finalmente: o filólogo agora não se concentra no texto, nem deduz aquilo que não está no texto, mas procura transpô-lo, fazendo dele aquilo que considera Antônio Tovar: 'o mais fino instrumento histórico para penetrar na alma, no estilo dos séculos antigos'. É a **função transcendente** da Filologia. (...)"

“Resumindo: três são as funções da atividade filológica:

1ª) **Função substantiva**, em que ela se concentra no texto para explica-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepara-lo tecnicamente para publicação;

2ª) **Função adjetiva**, em que ela deduz, do texto, aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização);

3ª) **Função transcendente**, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou.

É importante observar, na função substantiva do labor filológico, o seu caráter erudito; na função adjetiva, etapas da investigação literária; e na função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura”. (1977: 75-77)

Bruno Fregni Bassetto

“O conceito de Filologia não é unívoco; divergem muito os autores ao defini-la, ao determinar os limites de seu campo de atuação e até seu objeto de estudo. Daí a necessidade de se levantar a biografia do termo, ainda que concisa, na busca de seu conteúdo semântico. Obviamente, e necessário partir do que nos legaram os gregos, os inventores do termo. O termo “filólogo”, que certamente precedeu “filologia” e “filologar” (pouco usado), é encontrado inicialmente em Platão e em Aristóteles, mas o termo é sem dúvida anterior. Significando etimologicamente “amigo da palavra”, encaixa-se na filosofia dos estóicos. (...) Assim, [?], a palavra, é a expressão, a exteriorização do [?], a inteligência; por isso, o filólogo é aquele que apreende a palavra, a expressão da inteligência, do pensamento alheio e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual. Sabemos que, pelo menos até o séc. V a.C., essa palavra era eminentemente oral e o filólogo era falante ou ouvinte; quando a palavra escrita se tornou mais comum, através dos papiros e dos pergaminhos, o filólogo era o amigo da palavra tanto falada e ouvida como da escrita, segundo se depreende dos textos em que o termo é usado. Em seguida, por ser a palavra escrita bem mais acessível por seu caráter permanente, ainda que restrita a um grupo mais reduzido, o termo ‘filólogo’ passou a designar, em especial, os que liam e escreviam. Com isso modificou-se, em parte, o significado inicial do termo, de 'aquele que gosta de falar ou de aprender, ouvindo' (...).”

“Em conclusão, a biografia do termo “filólogo” pode ser dividida nas seguintes fases:

1 - As primeiras ocorrências nos textos gregos dos séc. V e IV a.C. apresentam a acepção etimológica de “amigo da palavra”, isto é, aquele que gosta de falar ou de ouvir a palavra. Um ou outro texto sugere a conotação de “tagarela”, como Ateneu, em 38b; a grande maioria, porém, dá ao termo o significado de “estudioso”, “que gosta de aprender”, como em Plutarco (Cato Maior, 22,2) e Cícero (Ad Atticum, I, 17), ou de “culto”, “sábio”, “refinado”, como estágio subsequente de quem aprendeu através da palavra, como em Aristóteles (Retórica, 1398b) e Cícero (Ad Atticum, XIII, 12, 3).

2 - Com Eratóstenes de Cirene (275-194 a.C.), filólogo é sinônimo de sábio, pessoa de vasta cultura

e conhecimentos em todos os ramos, expressos em muitos livros. Trata-se de uma espécie de título, posteriormente atribuído também a Ateius e Longino. Esses filólogos estão sempre relacionados com a palavra -escrita ou falada ou ouvida - em geral. De fato, é uma especialização semântica do vocábulo, mas que coexiste com o significado etimológico e suas derivações polissêmicas mais imediatas. Nessas acepções o termo é encontrado em textos até ao século VI, quando se torna raro até praticamente desaparecer.

3 - Com os primeiros indícios do Renascimento, na segunda metade do séc. XIV, volta-se a estudar novamente os clássicos na Itália e depois em toda a Europa. Reaparecem os filólogos, como os Escalígeros, Saumaise, Casaubon, Wolf, entre tantos outros nomes conhecidos, que estudam, comentam e editam os clássicos latinos e gregos. Com isso se fixa o conceito moderno, em sentido estrito, de filologia como a ciência do significado dos textos; e em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura.”

Rosa Borges Carvalho

“Como já afirmara Erich Auerbach (1972:11), **a Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas**, tais como: a Edição Crítica de Textos, que busca reconstituir o texto representativo do ânimo autoral, a Lingüística, que trata das línguas em geral e de sua comparação ou de um grupo de línguas aparentadas, ou de uma língua específica, os Estudos Literários que se ocupavam da Bibliografia, da Biografia, da Crítica Estética e da História da Literatura, e o Comentário ou Explicação de Textos, que podia servir aos mais diversos propósitos, segundo os textos selecionados e às diferentes observações que neles se pudessem fazer. Dentre estas atividades filológicas, a que melhor lhe guarda a memória é a primeira, a Edição Crítica de Textos, considerada pelos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica das formas de fazer Filologia. A Filologia, portanto, englobava todas as áreas do conhecimento relacionadas com o "amor pela palavra", e, com o passar do tempo, desmembrou-se em disciplinas com objetos e métodos autônomos. Assim, desde fins do século XIX, Lingüística e Literatura se separaram. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, observamos uma convergência entre língua e literatura que tem oferecido resultados frutíferos, sem esquecer de mencionar a contribuição das outras áreas como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, entre outras, renovando os pilares mais profundos desta prática filológica. Desse modo, chegamos aos nossos dias, com três subdisciplinas, aparentemente separadas, mas que, na verdade, dialogam entre si, conforme os interesses dos pesquisadores: Lingüística, Literatura e "Filologia". Logo, o que poderíamos chamar de focos de interesse contemporâneos são fruto tanto de uma trajetória interna das próprias disciplinas e de disciplinas contíguas como da evolução cultural ocidental.

Modernamente, a Filologia se divide em dois ramos: 1. da Lingüística - que faz o estudo científico das línguas do ponto de vista sincrônico (em uma dada época, em seu estado atual) - Lingüística Descritiva - e/ou diacrônico (através dos tempos) - Lingüística Histórica. Mais especificamente, o que melhor delimita este campo é o estudo comparativo e histórico das línguas; 2. da Filologia Textual/Crítica Textual - que se ocupa do processo de transmissão dos textos, com a finalidade de restituir e fixar sua forma genuína. Embora historicamente a Crítica Textual tenha privilegiado o estudo dos textos literários, atualmente considera tanto os textos literários como os não-literários.(...)”.

“Nesse momento, avançando para as palavras finais, faço uma defesa da Filologia, dessa Filologia que sofre as conseqüências de abarcar múltiplos aspectos de seu objeto e que, por isso mesmo, apresenta diferentes perspectivas de estudo. A Filologia é plural, ela trata de língua, literatura e cultura através de textos, por este motivo, é lamentável a atitude daqueles que ignoram a importância da Filologia nas suas duas modalidades - Lingüística Histórica e Crítica Textual - nos Cursos de Letras, esquecendo-se, sobretudo, de que o texto crítico disponibilizado pelo filólogo poderá ser matéria de investigação, segura, fidedigna e confiável para realizar seus estudos, pois,

como vimos, nos últimos tempos, a idéia de texto tem sido desenvolvida em disciplinas como a Pragmática, a Análise do Discurso, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Semiótica ou a própria Linguística do Texto, além do mais, a Literatura se tem beneficiado também da investigação, ao tempo em que enriquece seus estudos de elementos retóricos, estilísticos ou estéticos. Todas essas disciplinas, incluindo a Filologia que procura editar o texto para nele trabalhar as mudanças linguísticas, têm tomado o texto como um sistema de raízes que pode ser escavado nele próprio, ou seja, constrói-se teoria a partir da análise de seus componentes, daí afloram as diversas abordagens conforme os modelos teóricos e métodos adotados”.

Ivo Castro

“Para dizer as coisas de uma forma muito esquemática, o estabelecimento do texto é a tarefa para que convergem directa ou indirectamente todos os esforços do filólogo, consistindo em preparar para uso do leitor uma cópia de determinado texto, geralmente sob a forma de edição crítica: por um lado, são eliminados os erros introduzidos no decurso da transmissão textual e, por outro, são mantidos todos os traços que, sendo coerentes entre si e coerentes com o sentido e a natureza do texto (tal como o filólogo o entende), se presume sejam de origem autoral. Se se quiser, estabelecer um texto consiste em preparar, a partir de um seu exemplar cuidadosamente escolhido, uma cópia em que alternam a reprodução dos elementos gráficos atribuíveis ao autor (transcrição) e a substituição dos elementos reputados não-autoriais (erros) pelos seus correspondentes conjecturadamente originais (emenda). Este método de editar um texto anulando ou reduzindo ao mínimo as suas diferenças com aquele que saiu das mãos do autor (neutralizando o rumor adquirido pela mensagem durante a transmissão) aspira, evidentemente, a habilitar qualquer leitor a extrair do texto a exacta interpretação que o autor tencionou. Mas, evidentemente, não o consegue na totalidade. Apesar de todos os extremos de rigor, erudição e crítica que pode atingir, o método oferece, durante a operação final de estabelecimento do texto, pelo menos quatro momentos em que o filólogo, em vez de recuperar dados objectivos e exteriores, corre o risco de oferecer o resultado de uma opinião sua acerca desses dados, ou seja, pura e simplesmente uma sua interpretação. O risco de a ciência e o gosto do filólogo (a sua subjectividade) interferirem no estabelecimento do texto surge nos seguintes quatro momentos: quando ele julga identificar o erro, quando ele conjectura a respectiva emenda, quando decifra o original (podendo a sua expectativa quanto ao que o texto quer dizer sobrepor-se ao que o autor disse) e, finalmente, quando escolhe os signos gráficos que, na sua transcrição, vão equivaler aos do exemplar. É deste último aspecto, aparentemente o mais inofensivo de todos, que se ocupa Claire Blanche-Benveniste: quando o filólogo erra na transcrição, cria um facto linguístico novo, que parece pertencer ao texto original do autor, mas na realidade se deve ao seu editor.”

Heitor Megale e César Nardeli Cambraia

“Ao abrir este trabalho, que tem por objetivo tentar delinear os caminhos percorridos pela Filologia Portuguesa no Brasil nos últimos dez anos, é de todo importante esclarecer o significado com que se trabalha aqui a palavra *Filologia*. Esse termo está sendo utilizado aqui na acepção definida por Ivo Castro como: “ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor (Castro, 1992:124)”.

I.2.1 A escrita como uma "ponte" no espaço-tempo

Cf. Slides 1

Tomemos o texto escrito como um registro de enunciados produzidos num ponto do espaço e do tempo, mas que podem ser recebidos em pontos diferentes do espaço e do tempo; para construir essas "pontes" espaço-temporais, as diferentes culturas inventaram diferentes técnicas para *representar* a linguagem e para *registrar e transmitir* essa representação da linguagem:

I.2.1 *História da escrita*, i.e., dos sistemas simbólicos de representação da linguagem

- A representação da linguagem tem funcionado por meio de sistemas de correspondência simbólica entre informação lingüística e sinais gráficos - isto é: sistemas de escrita. Os principais sistemas de escrita conhecidos diferenciam-se sobretudo quanto ao nível de informação lingüística a ser representado – idéias (na escrita “analítica”, por exemplo a escrita ideogramática chinesa) ou sons (na escrita “fonética”, por exemplo a alfabética ocidental).
- A “*História da Escrita*”, neste primeiro plano, é a história das diferentes maneiras encontradas pelas diferentes culturas humanas para operar diferentes sistemas simbólicos capazes de representar a linguagem.

I.2.2 *História da escrita*, i.e., das tecnologias de registro e difusão da informação simbólica

- Aqui entramos no plano estritamente material das tecnologias inventadas pelo homem para estabelecer as correspondências simbólicas dentro de cada sistema e propagá-las no tempo e no espaço. Nesse aspecto, por milênios a humanidade valeu-se de uma mesma tecnologia fundamental, que vamos chamar de “lógico-sensorial”.
- Essa tecnologia depende de dois fatores apenas: o primeiro é a mente humana e sua capacidade lógica; o segundo é a disponibilidade dos sinais de um sistema simbólico frente ao sistema perceptual humano. Tipicamente, a apreensão dos sinais dos sistemas de escrita se dará por percepção visual, e a informação simbólica visualmente percebida será decodificada graças às capacidades cognitivas humanas e ao conhecimento cultural partilhado de determinado sistema de representação. Portanto: nesta tecnologia, para que o processo de codificação e decodificação da informação aconteça, basta que os sinais a serem codificados e decodificados estejam passíveis de apreensão pelo sistema sensorial humano, tipicamente a visão.
- Diante disso, as diferentes “técnicas de escrita” historicamente desenvolvidas pelo homem dirigiram-se a tornar a informação simbólica aparente e transportável.
- Assim é que para registrar e transportar a escrita de um ser humano até o outro, diferentes culturas inventaram diferentes artefatos “carregadores de sinais gráficos”, cuja construção envolveu diferentes modos de chegar a um mesmo objetivo: inscrever sinais gráficos aparentes em um suporte capaz de levar adiante esses sinais. Isso pôde ser feito, por exemplo, graças a um instrumento (graveto) que inscrevesse os sinais em um suporte maleável (argila); um instrumento duro (cinzel) que rasgasse os sinais sobre um suporte duro (pedra); um instrumento (pena; lápis; giz; tipo de chumbo...) que transferisse pigmentos (tinta; pó de grafite...) por sobre suportes absorventes (cascas de árvore; peles de animais; papel...). Podemos reconhecer diversas etapas de desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas inventadas com o propósito básico de “carregar informação codificada”.
- A “*História da Escrita*”, neste sentido material estrito, é a história das transformações técnicas desse processo de transportar enunciados pelo espaço e pelo tempo. Algumas dessas transformações foram revolucionárias, em particular a introdução de instrumentos mecânicos que puderam substituir a mão do homem na tarefa de estampar os sinais gráficos nos suportes, que veio a ampliar de modo inédito a capacidade de reprodução de um “mesmo texto” para um grande número de leitores, revolucionando as culturas de escrita.